



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A HISTÓRIA DO BLAZER: UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DOS SIGNIFICADOS

THE HISTORY OF THE BLAZER: AN INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVE ON ITS MEANINGS

Rico, Isadora Matioli Palmieri; Mestranda; Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
isadorapalmieri@gmail¹

Gasparotti, Luciana Masson; Especialista; masson.luciana@gmail.com²

Andrade, Raquel Rabelo; Doutora; Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
raquelandrade@utfpr.edu.br³

Resumo: O blazer é uma peça emblemática da moda ocidental, simbolizando elegância, autoridade e versatilidade. Originário do vestuário masculino aristocrático, migrou do contexto esportivo para o urbano e, a partir do século XX, integrou o guarda-roupa feminino. Além de seu valor simbólico, destaca-se pela complexidade técnica, envolvendo corte, estrutura, acabamentos e materiais específicos. A análise histórica e técnica revela como a modelagem e os elementos construtivos refletem significados culturais, escolhas estéticas e práticas de moda contemporânea e sustentável.

Palavras chave: Histórico do Blazer; Modelagem plana; Interdisciplinaridade.

Abstract: The blazer jacket is an emblematic piece of Western fashion, symbolizing elegance, authority, and versatility. Originally part of the aristocratic male wardrobe, it migrated from a sports context to the urban setting and, from the 20th century onwards, became part of the female wardrobe. Beyond its symbolic value, it stands out for its technical complexity, involving the cut, structure, finishes, and specific materials. Historical and technical analysis reveals how tailoring and construction elements reflect cultural meanings, aesthetic choices, and contemporary and sustainable fashion practices.

Keywords: Blazer History; Flat Pattern Making; Interdisciplinarity.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Têxtil e Moda da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Bacharel em Design de Moda pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Têxtil e Moda da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Especialista em Moda: Produto e Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e em Arteterapia pela Faculdade Metropolitana de Franca (FAMEF).

³ Doutora em Design pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Introdução

O blazer ocupa um lugar de destaque no imaginário da moda ocidental como uma peça que transcende as transformações superficiais da moda, consolidando-se como símbolo de elegância, autoridade e versatilidade. Originário do universo aristocrático masculino, o blazer foi progressivamente ressignificado ao longo do século XX, especialmente a partir das décadas de 1960 e 1980, quando passou a integrar também o vestuário feminino, dotado de forte simbolismo associado à emancipação e à mobilidade social (EVANS, 2003; LIPOVETSKY, 1989).

Para além da dimensão simbólica e histórica, destaca-se sua complexidade técnica, na qual estrutura, corte, acabamentos e materiais empregados o diferenciam de outras peças como paletós e jaquetas. Segundo Cabrera e Meyers (2010), a confecção da vestimenta expressa propósitos estéticos e utilitários, enquanto a modelagem funciona como linguagem de projeto que revela códigos sociais e culturais. A precisão dos recortes, a presença ou ausência de entretelas, a escolha do tecido e a adaptação ao corpo são elementos que conferem ao blazer sua identidade cultural. Na alfaiataria tradicional masculina, o uso rigoroso de canvas, entretelas e costuras estruturais assegura forma e durabilidade (CABRERA; MEYERS, 2010; KOHLER, 2001). Na alfaiataria feminina, adaptações técnicas atendem às particularidades do corpo, sem abrir mão da sofisticação e elegância formal (MOTTA, 2016).

Este artigo propõe uma breve análise interdisciplinar da trajetória histórica e técnica do blazer, investigando suas transformações formais e simbólicas desde suas origens no século XIX até suas expressões contemporâneas na moda. Fundamenta-se em uma perspectiva que compreende o vestuário como mediador de significados sociais, inspirada em autores que enfatizam a moda enquanto fenômeno histórico-cultural.

A história do blazer

O blazer emergiu no século XIX como vestimenta esportiva — uma jaqueta leve e colorida usada por clubes exclusivos, como o Brighton Regatta, originando o termo "Brighton Blazer" (BRAGA, 2004). Naquele momento, refletia o status social e a pertença a grupos, apresentando cortes simples, lapelas arredondadas e abotoamento discreto.

No início do século XX, migrou para o vestuário urbano masculino, adquirindo novos significados ligados à formalidade e profissionalismo. Nas décadas de 1920 e 1930, a modelagem foi aprimorada com a incorporação de



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ombreiras, forros estruturados e costuras valorizando a silhueta tradicional masculina (MOTTA, 2016; CABRERA; MEYERS, 2010).

Na segunda metade do século XX, foi incorporado ao vestuário feminino, especialmente a partir dos anos 1960, associado à emancipação feminina e inserção da mulher no mercado de trabalho (BRAGA, 2004; MOTTA, 2016). Tornou-se elemento fundamental na moda autoral, reinterpretado por estilistas que desafiaram a alfaiataria tradicional (SHAEFFER, 2021).

A trajetória do blazer está intrinsecamente ligada às dinâmicas históricas que estruturam a moda como fenômeno cultural, essencial para entender as interações entre vestuário, cultura e identidade social. Para Braga (2004), a indumentária funciona como código visual carregado de sentidos associados a classes sociais, gêneros e grupos culturais, sendo essa perspectiva evidente na evolução do blazer enquanto símbolo de prestígio e poder. Crane (2006) ressalta seu papel como mediador de práticas sociais e identitárias, destacando sua migração do uso esportivo para o cenário urbano, onde passou a incorporar discursos de autoridade, profissionalismo e gênero. A escolha do tecido e o ajuste ao corpo reforçam sua leitura enquanto expressão cultural (CABRERA; MEYERS, 2010).

Além disso, o blazer também é discutido como instrumento de poder e representação, inicialmente no universo masculino e, posteriormente, no feminino (MOTTA, 2016; BRAGA, 2004). Funcionando como linguagem visual articulada a normas sociais que se reinventam conforme os contextos culturais e históricos.

Século XXI – O blazer como peça de gênero fluido

A história da alfaiataria feminina reflete mudanças sociais, políticas e culturais na relação entre homens e mulheres. No século XIX, a diferenciação entre vestuário masculino e feminino foi intensificada (MOTTA, 2016), mas a Primeira Guerra Mundial alterou o cenário: com a ausência masculina, as mulheres assumiram funções antes masculinas, adotando roupas mais práticas e confortáveis, abandonando o espartilho e consolidando maior independência (BRAGA, 2004).

A estilista Coco Chanel, em 1916, revolucionou a moda feminina ao criar o *tailleur* inspirado no vestuário masculino e esportivo (MOTTA, 2016), abrindo caminho para outras estilistas como Madame Paquin, Jean Patou, Madeleine Vionnet, Jeanne Lanvin e Lucien Lelong (BRAGA, 2004). O cinema ajudou a popularizar o uso de roupas



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de alfaiataria pelas mulheres, com atrizes como Marlene Dietrich e Greta Garbo (STEVENSON, 2012). Após a Segunda Guerra, Christian Dior lançou o *New Look*, seguido por peças icônicas como o casaco cardigã e o paletó em forma de barril (BRAGA, 2004).

Em 1966, Yves Saint Laurent apresentou o *Le Smoking*, tuxedo feminino que simbolizou a quebra de códigos de gênero, enquanto Tommy Nutter reinventou o terno com abordagem unissex (STEVENSON, 2012). Nos anos 1980, o blazer ganhou força como símbolo de poder, especialmente com Margaret Thatcher (PALOMINO, 2002).

No século XXI, o blazer ocupa papel central nas discussões sobre fluidez de gênero e identidade, rompendo com códigos binários tradicionais do vestir (BRAGA, 2004; HOLLANDER, 2003). Movimentos sociais influenciam transformações estéticas e técnicas, resultando em modelagens que privilegiam cortes amplos, shapes assimétricos e tecidos inovadores, promovendo liberdade e expressão individual (MOTTA, 2016; STEVENSON, 2012; CRANE, 2006).

A modelagem unissex e tecnologias, como a modelagem 3D, possibilitam blazers adaptados a diferentes corpos e identidades, promovendo inclusão e diversidade no vestuário (SMITH, 2013). Suoh et al. (2017) observa que essas mudanças técnicas refletem a flexibilização dos códigos de vestimenta e a valorização da personalização, desafiando a estrutura tradicional.

A modelagem como linguagem no design de moda

A modelagem constitui um dos fundamentos do design de moda, atuando como elo entre a intenção estética e sua materialização em peça vestível e funcional. Segundo Motta (2016) e Cabrera e Meyers (2010), a modelagem ultrapassa a função técnica e se configura como linguagem projetual capaz de expressar identidade cultural, gênero e status. Elementos construtivos como pences, entretelas, recortes e acabamentos determinam a leitura do vestuário e sua adequação estética e funcional.

Diversos autores aprofundam os aspectos técnicos da modelagem do blazer, apontando sua complexidade, que envolve conhecimento da estrutura interna, dos tecidos e da interação com a morfologia corporal (CABRERA, MEYERS, 2010; SHAEFFER, 2021). Laver (2005) destaca a influência das mudanças culturais e históricas na modelagem, que incorpora adaptações conforme o uso social e as representações simbólicas de cada período.



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

O manual *Classic Tailoring Techniques* (CABRERA; MEYERS, 2010) detalha os processos tradicionais de construção do blazer, ressaltando a importância das entretelas, costuras de reforço, moldagem e acabamento, fundamentos que o distinguem de outras peças masculinas. Shaeffer (2021) e Motta (2016) reforçam a necessidade de domínio técnico para garantir que a peça transmita elegância, autoridade ou inovação.

Historicamente, desenvolveu-se a partir da alfaiataria esportiva britânica do século XIX, utilizado em ambientes náuticos. Diferencia-se do paletó — peça do traje formal completo — por oferecer maior liberdade de movimento, estrutura mais leve e uso independente da calça social (BRAGA, 2004). O blazer clássico apresenta meia entretela e ombreiras discretas ou ausentes, contrastando com o paletó de entretelação e forro integral (CABRERA; MEYERS, 2010).

Na contemporaneidade, o blazer é reinterpretado por conceitos de moda sustentável, desconstrução estética e fluidez de gênero, com modelagens que dialogam com as transformações socioculturais e valorizam a identidade individual (MOTTA, 2016; BRAGA, 2004; CRANE, 2006; STEVENSON, 2012).

O blazer distingue-se não apenas pela simbologia social, mas pela construção técnica singular que o diferencia de paletós, jaquetas e casacos. Compreender sua modelagem é essencial para reconhecer sua elegância e versatilidade, frequentemente confundidas no senso comum (CABRERA; MEYERS, 2010; MOTTA, 2016).

Partes que constituem um Blazer

Além da modelagem e dos tecidos a serem selecionados para a confecção de um blazer, temos alguns outros materiais utilizados que auxiliarão na composição do blazer como: entretelas, ombreiras e forros (QUERIDO, 2022).

A entretela é um componente estrutural essencial na confecção do blazer, desempenhando papel fundamental na sustentação, forma e durabilidade da peça. Aplicada principalmente em áreas estratégicas — como colarinhos, lapelas, ombros e frente do blazer —, a entretela reforça o tecido principal, conferindo rigidez controlada e estabilidade às formas modeladas (CABRERA; MEYERS, 2010).

A escolha da entretela depende do tipo de tecido externo e do efeito desejado na modelagem final. Também contribui para a correta aplicação das ombreiras e para o caimento uniforme do tecido externo, prevenindo deformações



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

que prejudicam a estética e a funcionalidade (CABRERA; MEYERS, 2010). Existem diversos tipos, classificados em fusíveis (que aderem ao tecido mediante calor) e não fusíveis. As entretelas fusíveis são as mais utilizadas na produção industrial e artesanal do blazer moderno, devido à praticidade e melhor acabamento. A gramatura e a flexibilidade da entretela devem ser adequadas para não comprometer o conforto do usuário, evitando rigidez excessiva ou deformação da silhueta (THE SAGES, s.d.).

Nas peças de melhor qualidade o canvas (pode ser considerado um tipo de entretela) é utilizado para compor o “esqueleto interno” do blazer. O canvas se caracteriza por ser uma junção de pelos de crina de cavalo e lã, ou fibras de viscose, estando costurado entre o forro, a limpeza e o tecido externo da peça, sobretudo nos ombros e região do peito, onde a forma clássica e a postura firme da peça são imprescindíveis (THE SAGES, s.d.). O blazer que incorpora aplicação de canvas em sua estrutura interna apresenta uma longevidade perene, uma vez que o canvas atua como um elemento estrutural fundamental, conferindo firmeza e sustentação duradouras à peça (FISCHER, 2010). Assim, a entretela equilibra técnica e estética na construção do blazer, permitindo que a peça mantenha sua presença simbólica de autoridade e elegância, aliada ao conforto e durabilidade (CABRERA; MEYERS, 2010).

As ombreiras são componentes estruturais essenciais, incorporadas para conferir alinhamento e suporte à linha dos ombros e clavículas. Na modelagem, seu formato e espessura são cuidadosamente planejados para garantir a manutenção da silhueta desejada, prevenindo deformações e promovendo estabilidade. Geralmente, as ombreiras são confeccionadas em feltro com espessura entre 1 e 1,5 cm (FISCHER, 2010).

De acordo com Cabrera e Meyers (2010), as ombreiras reforçam a estrutura do blazer, permitindo que a peça mantenha sua forma mesmo após uso contínuo. Silveira et al. (2023) destaca que o posicionamento preciso das ombreiras — tipicamente projetando-se de um a dois centímetros além da linha natural do ombro — favorece um caimento suave da manga, evitando rugas e assegurando que a lapela permaneça livre de dobras ao fechar o paletó, o que harmoniza conforto, elegância e alinhamento anatômico.

O forro exerce papel crucial tanto na funcionalidade quanto no acabamento da peça. A escolha do tecido para o forro deve considerar características técnicas que influenciam diretamente o conforto e o desempenho do vestuário (SILVEIRA *et al*, 2023; SMITH, 2013). Tecidos maleáveis, leves e com superfície lisa e escorregadia — como acetato, viscose e poliéster acetinado — facilitam o deslizamento do blazer sobre outras roupas, como camisas, promovendo



20º  COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

liberdade de movimento e reduzindo atrito que poderia causar desgaste ou desconforto (CABRERA, MEYERS, 2010; SHAEFFER, 2021).

Além de cobrir costuras e entretelas, o forro contribui para a estabilidade estrutural do blazer, equilibrando as tensões dos tecidos externos e prolongando a durabilidade da peça. Sua escolha adequada representa um equilíbrio entre tradição artesanal e as necessidades contemporâneas do usuário (SHAEFFER, 2021; MOTTA, 2016).

Entre as características técnicas distintivas do blazer clássico destacam-se: corte reto ou suavemente ajustado; lapelas médias com gola tipo esporte; sistema de fechamento frontal com dois ou três botões; bolsos com aba ou embutidos; fendas traseiras simples ou duplas; e materiais robustos como sarja, lã fria ou gabardine. As cores predominantes são azul marinho, cinza e verde escuro, frequentemente associadas ao ambiente náutico e esportivo (CABRERA; MEYERS, 2010).

Em síntese, o design contemporâneo do blazer dialoga com as demandas estéticas, culturais e políticas do século XXI, incorporando métodos híbridos (NAKAMICHI, 2007), sustentabilidade, fluidez de gênero e materiais inovadores (SUOH et al., 2017). A estrutura do blazer revela-se, assim, como elo entre corpo, identidade e contexto social, refletindo, em suas linhas e formas, as significações culturais que atravessam a evolução da moda.

Alfaiataria moderna

Na versão destinada ao público feminino, o design do blazer passou a valorizar a forma do corpo, incorporando cortes mais ajustados, cintura acentuada e lapelas alinhadas às tendências contemporâneas da moda. Influenciado pelo *power suit* dos anos 1980 — conjunto composto por blazer e calça ou saia, frequentemente com ombreiras marcantes, utilizado por mulheres no ambiente corporativo para expressar autoridade e empoderamento (KAMITSIS, 2005) — o blazer feminino ganhou ombros mais estruturados, reforçando sua presença simbólica. Essa transformação reflete as conquistas sociais das mulheres no mercado de trabalho, simbolizando o novo papel feminino em espaços tradicionalmente masculinos, conforme observa Entwistle (2023).

No contexto da alfaiataria contemporânea, nota-se um movimento crescente de desconstrução, que ressignifica peças clássicas e amplia suas possibilidades estéticas. Seeling (2000) destaca que, ao longo do século XX, estilistas transformaram o design do vestuário por meio de técnicas inovadoras e desconstruções formais, estabelecendo novos



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

diálogos entre tradição e experimentação. Sobressaem nesse cenário os trabalhos de designers como Rei Kawakubo, Issey Miyake e Yohji Yamamoto, que desafiaram as normas da alfaiataria tradicional ao introduzirem cortes assimétricos, estruturas desconstruídas e materiais inovadores, promovendo uma ruptura estética e conceitual (NAKAMICHI, 2007; GECZY; KARAMINAS, 2020; KWON, 2007).

Em última análise, o design contemporâneo do blazer dialoga com as demandas estéticas, culturais e políticas do século XXI, oferecendo interpretações que conciliam o legado histórico às exigências da modernidade. A peça tornou-se um campo fértil para inovações que combinam métodos clássicos e digitais, sustentabilidade, fluidez de gênero e novos materiais (NAKAMICHI, 2007; CHEN et al., 2022).

Considerações Finais

O estudo da trajetória histórica e técnica do blazer evidencia sua complexidade enquanto peça emblemática do vestuário ocidental, cuja evolução acompanha e reflete transformações culturais, sociais e estéticas ao longo dos séculos. Originado no contexto esportivo do século XIX, o blazer consolidou-se como símbolo de status, profissionalismo e poder, e com o passar do tempo incorporou novas soluções para modelagens, equilibrando o rigor técnico e a expressão.

Embora o blazer tenha se consolidado desde sua origem como um símbolo de poder, autoridade e distinção social, ao longo do tempo ele se deslocou por diferentes contextos culturais e públicos, adquirindo novos significados. Essa trajetória evidencia não apenas a sua versatilidade estética e funcional, mas também sua capacidade de se reinventar diante das transformações sociais, de gênero e de estilo. Ao migrar do ambiente aristocrático e esportivo para o guarda-roupa urbano e, posteriormente, para a moda feminina, o blazer deixou de ser exclusivamente um marcador de hierarquia para tornar-se um instrumento de expressão identitária, de emancipação e de sofisticação. Assim, a história dessa peça demonstra como a moda, ao mesmo tempo em que preserva símbolos de tradição, é capaz de ressignificá-los em diálogo com novas demandas e valores sociais, ou seja, com a contemporaneidade.

A análise realizada, em consonância com autores que compreendem o vestuário como mediador de práticas sociais e identitárias, reforça a valorização do blazer não apenas como item de moda, mas como elemento dinâmico de construção identitária e expressão cultural. Nesse sentido, o blazer se afirma como um objeto privilegiado para



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

investigações futuras, sobretudo no que diz respeito às inovações técnicas e às práticas de moda inclusiva e sustentável, que tendem a redefinir continuamente os parâmetros do design de vestuário.

Referências

- BRAGA, J. **História da moda uma narrativa**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- CABRERA, R.; MEYERS, P. **Classic Tailoring Techniques**. Fairchild Publications: New York, 2010
- CHEN, Xipeng et al. Structure-preserving 3d garment modeling with neural sewing machines. **Advances in Neural Information Processing Systems**, v. 35, p. 15147-15159, 2022. Disponível em: https://proceedings.neurips.cc/paper_files/paper/2022/file/620317fb69899dbf58798d242a58d351-Paper-Conference.pdf. Acesso em 29 maio 2025.
- CRANE, D. **A moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas** 2º ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.
- ENTWISTLE, J. **The fashioned body: Fashion, dress and modern social theory**. John Wiley & Sons, 2023.
- EVANS, C. **Fashion at the edge: spectacle, modernity and deathliness**. New Haven: Yale University Press, 2003.
- FISCHER, A. **Construção de Vestuário**. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- GECZY, A.; KARAMINAS, V. Time, cruelty and destruction in deconstructivist fashion: Kawakubo, Margiela and Vetements. **ZoneModa Journal**, v. 10, n. 1, p. 65-77, 2020. Disponível em: <https://zmj.unibo.it/article/view/11088>. Acesso em 5 jun. 2025.
- HOLLANDER, A. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- KAMITSIS, L. **A história da moda do século XX**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- KOHLER, C. **História do Vestuário**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- KWON, H. Deconstructionism in Issey Miyake's fashion design. **Journal of Fashion Business**, v. 11, n. 6, p. 87-100, 2007. Disponível em:



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

https://www.researchgate.net/publication/263433755_Deconstructionism_in_Issey_Miyake%27s_Fashion_Design. Acesso em 5 jun. 2025

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LAVER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

MOTTA, E. **Alfaiataria**: radiografia de um ofício incomparável. Fotografia Chico Soll: Senac Ceará, 2016.

NAKAMICHI, T. **Pattern Magic**. Vol. 2. Japan: Bunka, 2007.

PALOMINO, E. **A Moda**. São Paulo: Publifolha, 2002.

QUERIDO, A. **Alfaiataria feminina na atualidade**: A desconstrução do clássico. UBI, Portugal, maio 2022. Disponível em < <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/12498> > Acesso em: 10 jun. 2025.

SILVEIRA, I.; ROSA, L.; LOPES, L. D. **Modelagem de vestuário Masculino**. Udesc. 2023. Disponível em : https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/18824/2_Modelagem_Plana_B_sica_de_Vestu_rio_Masculino_Adulto_17156281425923_18824.pdf. Acesso em 5 jun 2025.

SHAEFFER, C. **Couture tailoring**: a construction guide for women's jackets. New York: Laurence King, 2021.

SEELING, C. et al. Fashion: the century of the designer, 1900-1999. **(No Title)**, 2000.

SMITH, A. **O Grande Livro da Costura**: material, técnicas, moldes, projetos. Alison Smith: (tradução Rosimarie Ziegelmarier) – São Paulo: Publifolha. 2013

SUOH, T.; et al. Modelagem tridimensional e inovação no design de vestuário. **Revista Brasileira de Moda e Design**, v. 3, n. 2, p. 45-59, 2017.

STEVENSON, N. J. **Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

THE SAGES. **Half Canvas Vs. Full Canvas Suits**. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.thesages.co/full-canvas-vs-half-canvas-suits>. Acesso em 7 ago. 2025.